

## **APRENDENDO COM A BÍBLIA A ARTE DE BEM-VIVER**

*Neuza Silveira de Souza  
Maria de Lourdes Augusta*

### **Resumo**

*Em tempos pós-modernos, com crises econômicas, políticas, culturais e ecológicas, os cristãos são desafiados a manter viva sua identidade a partir do mistério de Cristo. As autoras procuram demonstrar que a proposta cristã é um caminho válido para a arte do bem-viver. Desejar a felicidade e evitar o sofrimento sempre foram aspirações humanas em todas as culturas. Aprender a arte de bem-viver com a Bíblia implica em aprender de Jesus e com Jesus o amor integral e incondicional a Deus e ao próximo. Seguir Jesus é humanizar-se.*

### **Abstract**

*In this moderns times the economic, politics, cultural and ecological crises challenge the Christians to keep their identity from the mystery of Christ. The authors aim to ensure that the Christian proposal is a valid way to the art of well being. To desire happiness and avoid suffering were always the main human aspiration in all cultures. To learn the art of well being with the Bible means to learn from Jesus and with Him, the full and unconditional love for God and the next people. Following Jesus is humanizing itself.*

### **Introdução**

Aprender a arte de bem-viver, na realidade atual, caminhando para um verdadeiro amadurecimento e crescimento da fé, acontece quando se está em sintonia com a Palavra de Deus. A reflexão teológica atual, na América Latina, tem acentuado especialmente a importância do seguimento de Cristo, como condição para melhor conhecê-lo, pois só se pode viver do Cristo glorioso que prometeu estar conosco se seguirmos as pegadas do Jesus da história.

É nesta direção que este artigo se propõe a reflexão. Diante da crise do paradigma da modernidade e a secularização que afeta a centralidade do cristianismo, colocam-se em alerta todos aqueles que desejam manter sua identidade de fé a partir do mistério de Cristo.

A Bíblia, Palavra de Deus revelada, e, em Jesus, aperfeiçoada, oferece a orientação para o bem-viver no cotidiano da vida. O Cristo suscita um fascínio nos seus interlocuto-

res, que desemboca na adesão e no seguimento a ele, desencadeando motivações, atitudes, convicções e plasmando um novo comportamento, uma nova criatura. Desejando aprender com a Bíblia a arte de bem-viver, os temas aqui propostos nos impulsionam para encontrar nos Evangelhos o principal testemunho da vida e missão de Jesus.

## 1. A crise da existência na modernidade e na pós-modernidade

A modernidade, iniciada com o Iluminismo, foi a era da razão. Mas também foi a era do progresso científico e tecnológico, do capitalismo industrial e do crescimento econômico ilimitado para uma minoria. Os grandes problemas humanos pareciam, a partir de então, encontrar soluções seguras e duradouras. A pós-modernidade, porém, revelou-se cheia de surpresas: se, de um lado, aumentou o progresso econômico e político para alguns em detrimento da miséria de tantos, por outro lado, a arte, a moral e a religião foram relegadas para o campo da crença particular e do subjetivismo.

A crise da contemporaneidade, presente no mundo ocidental, especificamente na Europa, agravada pela crise econômica mundial e pelo esbater de identidades, decorre de uma globalização que mais obedece a interesses de grandes potências econômicas que a ideais igualitários<sup>1</sup>.

### 1.1 Influências dos contextos: social, econômico, político e ecológico

A economia neoliberal cada vez mais, e com maior força, domina a época atual. Após a década de 1980, considerada perdida para o desenvolvimento, o mercado impôs sua lógica, sugerindo *ajustes estruturais*, sobretudo das economias das regiões latino-americana e caribenha, apregoando a onipresença da competência como valor absoluto e a elevação do consumo como garantia de felicidade<sup>2</sup>. O modelo capitalista neoliberal avança em escala planetária, por causa da globalização que unifica o mercado e o torna soberano.

Os países ricos, através das empresas multinacionais, pressionam os países mais pobres a abrirem seus mercados e privatizarem suas economias. Com a dívida externa, os países pobres se mantêm aprisionados aos países credores. Se por um lado, a consciência da interdependência entre as nações é um valor, por outro lado, salienta as injustas desigualdades existentes<sup>3</sup>. Ao fator econômico associa-se a ideologia do mais forte, do mais saudável, do mais capaz. Por conseguinte, todos os que estão incapacitados de assimilar a tecnologia avançada, todos os não conectados que não possuem acesso à rede de informação e conhecimento, são excluídos.

1. Cf. FIALHO, M.C. Mito, Memória e Crise. In: LEÃO, D.F. et al. *Cidadania e Paideia na Grécia Antiga*. São Paulo: Annablume Clássica; Coimbra: CECH, 2011. p. 147.

2. Cf. VILLAMÁN, M. América Latina: injustiça, exclusão social e democracia. In: SOTER; AMERÍNDIA (Org.). *Caminhos da Igreja na América Latina e no Caribe: novos desafios*. São Paulo: Paulinas, 2006. p. 96.

3. Cf. GUTIÉRREZ, G. Dónde dormirán los pobres? In: MÜLLER, G.L.; GUTIÉRREZ, G. *Del lado de los Pobres: Teología de la liberación*. Lima: Serral S.R.L., 2005, p. 125-126.

A cultura do consumo disseminada pelo sistema capitalista faz com que as pessoas desejem e busquem *ter* sempre mais e ainda provoca um sentimento de inferioridade naqueles que não o conseguem, dificultando ainda mais a saída da marginalização e exclusão<sup>4</sup>. “Por trás do consumo conspícuo e ostentação está a busca do *status*, do reconhecimento e da autoestima. No fundo, está a busca do ‘ser’ que nos torna humanos”<sup>5</sup>. No entanto, nas sociedades capitalistas, as pessoas são reduzidas a meros consumidores e também grandes desafios sociais do mundo de hoje desaparecem das prioridades políticas.

No cenário sociopolítico, um dos problemas que mais ameaça a democracia e sua governabilidade, na maioria dos países latino-americanos, hoje, é a corrupção da administração pública, facilitada pela falta de transparência na utilização de fundos públicos e o enfraquecimento das instâncias de participação da sociedade civil. Tal prática aliada às fraudes nas entidades bancárias afeta diretamente a vida da população e faz crescer o nível de empobrecimento. Cresce também a violência através do crime organizado e do narcotráfico.

O despertar da consciência ecológica e a necessidade do respeito ao meio ambiente são traços característicos desta época em que cresce a preocupação com o *cuidado da Terra* como espaço vital para a humanidade. Os problemas ecológicos sinalizam a crise de todo o sistema do mundo industrializado moderno. O potencial de perigo contido nesses problemas clama por uma orientação ética, sem que de imediato esteja claro em que esta possa consistir, e qual a força persuasiva que poderão ter, daqui para frente, as declarações normativas sobre até onde poderão ir as aplicações industriais e científicas da técnica<sup>6</sup>.

As instituições financeiras e as empresas transnacionais se fortalecem de tal modo que subordinam as economias locais, sobretudo debilitando os Estados, que se tornam cada vez mais impotentes para levar adiante projetos de desenvolvimento a serviço de suas populações, especialmente investimentos de longo prazo e sem retorno imediato (DAp 66)<sup>7</sup>.

Em todos os lugares os que mais sofrem os impactos ambientais, em geral, são os pobres, excluídos dos projetos de desenvolvimento dos governantes e expulsos de seus territórios e comunidades tradicionais – povos indígenas, quilombolas, ribeirinhos, pescadores e outros. A Reforma Agrária é uma necessidade urgente para que aconteça a justiça social e a preservação ambiental. Indústrias farmacêuticas e de biogenética se apropriam de forma ilícita e patenteiam conhecimentos sobre o valor medicinal das plantas e outros organismos vivos dos povos tradicionais (DAp 83). Isso

4. Cf. LIBÂNIO, J.B. *Olhando para o futuro: prospectivas teológicas e pastorais do Cristianismo na América Latina*. São Paulo: Loyola, 2003. p. 162.

5. SUNG, J.M. *Sementes de Esperança: a fé em um mundo em crise*. Petrópolis: Vozes, 2005. p. 68.

6. KROH, W. Bases e Perspectivas de uma Ética ecológica: o problema da responsabilidade pelo futuro como um desafio à teologia. *Concilium*, Petrópolis: Vozes, n. 4, p. 87, 1991.

7. CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. *Documento de Aparecida: Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2007.

gera grande vulnerabilidade nos agricultores e suas famílias que dependem desses recursos para a sobrevivência.

A natureza agredida, a terra depredada, as águas tratadas como mercadoria pelas empresas e transformadas num bem disputado pelas grandes potências são apenas a ponta do *iceberg* do desequilíbrio ambiental que atravessa nossa civilização. Em sua análise sobre a envergadura da *crise ecológica*, Leonardo Boff elenca fatores sociais, antropocêntricos, civilizacionais, religiosos e por fim a raiz última da crise que é a ruptura de religião universal<sup>8</sup>. O resgate da dimensão do sagrado é fundamental para inaugurar uma nova aliança para com a Terra, colocando um limite ao desejo de exploração de suas potencialidades.

### 1.2 Transformações na cultura ocidental

Na atualidade, as promessas de uma sociedade do bem-estar e de uma riqueza sem limites, do projeto de desenvolvimento proposto pela modernidade, revelam uma crise mais profunda da própria razão moderna. Na sociedade contemporânea, “as mercadorias, materiais e simbólicas, não são mais apenas utilidades, mas sim principalmente signos comunicadores nas relações humanas e sociais”<sup>9</sup>. As pessoas são identificadas por aquilo que consomem. Nesta sociedade, a experiência de ser pobre torna-se ainda mais dolorosa, pois a cultura colabora, em certo grau, para construir a pessoa<sup>10</sup>, ou para destruí-la, fazendo-a experimentar a impotência diante do mundo, a exclusão social, a frustração e, por conseguinte, a falta de sentido e de unidade da sua existência. A esperança da maioria em uma vida melhor reside no aumento da quantidade e do padrão de consumo. Para alguns, a razão da existência está proporcionalmente relacionada à capacidade de consumo e não ao fato de existir, de ser pessoa humana<sup>11</sup>.

A cultura consumista, hoje, atinge profundamente o campo religioso, em que muitas pessoas se autocompreendem abençoadas por Deus devido ao aumento de sua riqueza e prosperidade. Essa nova visão do mundo e da religião é cada vez mais mediada pelas instituições e meios de comunicação de massa, atingindo um número cada vez maior de receptores, gerando a cultura midiática<sup>12</sup>. Essa transformação cultural e religiosa atinge, de modo especial, as novas gerações que “afirmam o presente porque o passado perdeu relevância diante de tantas exclusões sociais, políticas e econômicas. Para elas o futuro é incerto” (DAp 51). A compreensão de tais transformações está interligada à atual crise da cultura ocidental, a qual revela uma mudança radical na sua cosmovisão inseparavelmente relacionada com uma nova maneira de relacionar-se com a transcendência.

8. BOFF, L. *Dignitas Terrae*. Ecologia: grito da Terra, grito dos Pobres. São Paulo: Ática, 1995, p. 179-284.

9. SUNG, *Sementes de Esperança*, p. 32.

10. Cf. LÓPEZ, R.G. A cultura latino-americana em processo de transformação. In: CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. *América Latina: sociedades em mudança*. Informe sucinto sobre o cenário cultural, social, econômico e político na América Latina. Observatório. São Paulo: Paulus, 2005, p. 11.

11. Cf. SUNG, *Sementes de Esperança*, p. 35.

12. Cf. SUNG, *Sementes de Esperança*, p. 38.

A consciência histórica implica a avaliação da existência na relação consigo mesmo, com os outros e com Deus e do sentido do acontecer no conflito instaurado entre o contemporâneo ocidental e a tradição judaico-cristã. A crise generalizada de valores e o vazio de sentido experimentado pelas pessoas e pela sociedade como um todo talvez sejam a característica mais evidente dessa situação cultural. Assim sendo, as questões mais fundamentais do ser humano: *o porquê e o para quê da existência*, voltam a ser colocadas com toda a sua força<sup>13</sup>. Diante do vazio de referências, urge redescobrir de onde pode brotar o dom do amor e do perdão, que leve o ser humano a reconciliar-se criticamente consigo, com o seu chão e a assumir as suas raízes como fonte ainda revigoradora de diálogo e marca referencial<sup>14</sup>.

## 2. A busca da felicidade segundo a *Paideia* e no horizonte da *Torá*

Desde sempre, a pessoa humana traz no coração um desejo profundo de felicidade, cuja realização depende, em grande parte, de suas ações justas e de suas relações consigo mesmo, com os outros, com a natureza, com Deus. Desejar a felicidade e evitar o sofrimento é uma aspiração universal. Independentemente da raça, do sexo, da religião ou da posição social, todos desejam realizar-se como pessoas, encontrar o sentido da própria existência, ser feliz.

Nesta busca, cada pessoa, no segredo da consciência, tem ideais próprios, metas a serem alcançadas, uma filosofia de vida. A pessoa humana deve posicionar-se quanto à escolha de seus objetivos e aos critérios de seu agir, ou seja, decidir sua vida: o *que* tornar-se e o *como* tornar-se. E ainda que alguém decidisse que nada tem mais sentido, esta decisão já implicaria consequências, mesmo inconscientes.

O desejo de felicidade e de realização humana, sobretudo na sociedade contemporânea, faz com que o ser humano volte seu olhar para o berço da cultura ocidental, lá onde ele reencontra suas raízes e razões significativas para o seu existir. Como fontes de novas esperanças, a cultura greco-romana e a judaico-cristã continuam a jorrar inspirações e luzes, oferecendo aos pós-modernos alternativas para a arte de bem-viver.

### 2.1 O advento da polis e a busca da felicidade segundo a *Paideia*

O aparecimento da *polis*, em meados do século VIII aC, constitui, na história do pensamento grego, um acontecimento totalmente novo: única base possível de uma existência civilizada e livre<sup>15</sup>, ou seja, de uma ordem política capaz de contemplar o equilíbrio de forças contrárias, um acordo entre elementos rivais e contribuir para a conquista da felicidade pessoal e coletiva.

13. Cf. PALÁCIO, C. O Cristianismo na América Latina discernir o presente para preparar o futuro. *Perspectiva Teológica*, v. 36, n. 99, p. 176, maio/ago. 2004.

14. Cf. FIALHO, M.C. Mito, Memória e Crise, p. 149.

15. Cf. FERREIRA, J.R. Educação em Esparta e Atenas: dois métodos e dois paradigmas. In: LEÃO, D.F. et al. *Cidadania e Paideia na Grécia Antiga*. São Paulo: Annablume Clássica; Coimbra: CECH, 2011, p. 14.

Se, nos primeiros tempos, a excelência do homem – a *'aretê* – era o ideal heroico, a coragem e a destreza no combate, exigindo uma educação essencialmente militar, com o advento da *polis*, a *palavra* adquire uma extraordinária preeminência sobre todos os outros instrumentos do poder. A discussão e a polêmica tornam-se as regras do jogo intelectual e político e a lei da *polis* deve mostrar sua retidão por processos de ordem dialética e não mais pela força de um prestígio pessoal ou religioso<sup>16</sup>. A *'aretê* ganha uma nova imagem: despoja-se de seu aspecto guerreiro tradicional e define-se por tudo o que representa o ideal de *habrosyne*: virtude como fruto de uma longa e penosa disciplina, vigilante de si mesma para fugir às tentações do prazer, à *hedoné*, ao atrativo da moleza e da sensualidade preferindo uma vida inteira votada ao esforço penoso<sup>17</sup>. Essa técnica constituía um dos primeiros objetivos da *paideia*. Os iniciados em tal disciplina procuravam, assim, escapar às injustiças deste mundo, modificando os comportamentos, valores e instituições da vida social. Essa prática denunciava a avidez da riqueza e da opulência, cuja raiz coloca a descoberto uma natureza viciada, uma vontade pervertida e má, um desejo de ter sempre mais que os outros<sup>18</sup>.

Outra prática presente na *paideia* e que contrasta com a avidez do rico é a valorização do ponderado, do que é mediador. Trata-se do ideal da *sophrosyne*, feito de temperança, de proporção, de justa medida: o equilíbrio entre a minoria dos ricos cidadãos que tudo querem para si e a multidão das pessoas pobres que buscam tudo obter. Para a concretização dessas técnicas eram empregados recursos como: a música, cantos, danças, ritos de purificação, o estudo e a prática das virtudes e dos valores. Eles constituem uma *paideia* que não tem valor apenas para cada pessoa individualmente, mas que atinge a convivência social.

Ontem como hoje, educar-se para a coletividade humana, para o exercício da cidadania em que se prioriza uma qualidade de vida para todos, requer opções fundamentais resultantes de um posicionamento reflexivo, crítico e criativo frente à própria realidade existencial e ao modo de se viver na sociedade; opções preparadas pelo esforço de superar-se, pela busca do equilíbrio e também pelo conhecimento filosófico que propicia não apenas o contato com o pensamento filosófico de pensadores da tradição (história da filosofia), mas a reflexão de questões atuais (exercício do filosofar) – práticas que apontam para a realização humana e a felicidade.

## 2.2 A Torá: preservação da liberdade na história de Israel

A Lei brota sempre a partir da “história”. Na história de Israel está o agir e a vontade de Deus. Na Lei do Dt 5,6-21 está a intenção de preservar e comprovar a liberdade trazida e desejada por Deus para que a história da libertação prossiga. A Torá, como “história”, traz a Boa-Nova, o Evangelho, e como “Lei” ela é assim considerada por aqueles que não se esqueceram da retirada do Egito, o que a faz ser reconhecida como “liberdade”.

16. Cf. VERNANT, J.P. *As origens do pensamento grego*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989, p. 34-36.

17. Cf. VERNANT, J.P. *As origens do pensamento grego*, p. 58.

18. Cf. VERNANT, J.P. *As origens do pensamento grego*, p. 59.

A palavra hebraica Torá é um conceito bíblico. Tradicionalmente entendida sob o conceito cristão de “Lei”, hoje, ela se torna compreendida em linguagem coloquial da época do Antigo Testamento, como o ensinamento dos pais para introduzir seus filhos nos caminhos da vida de fé. Nesse sentido, a Torá se refere a um conjunto de orientação, instrução e estabelecimento de normas, tudo isto entendido a partir da aliança fundamental de Deus.

A obediência à Lei, exigida por Israel, não constitui a fundamentação, mas a comprovação de sua existência como Povo de Deus, bem como a resposta ao amor de Deus que o amou primeiro. Entendida a partir da forma de um texto de “Aliança” era destinada a ser proferida em público (Dt 31,9-13) e recitada constantemente na família (Dt 6,6).

No Sinai, a Torá é comunicada a Moisés para Israel<sup>19</sup>. Trata da comunicação da vontade do único Deus e criador de todas as pessoas a um único povo, Israel. Se ela tem fundamento na Aliança de Deus com seu povo (Ex 19–24) e a Aliança e os Mandamentos dirigiram-se a toda humanidade, então, na Torá se encontra a orientação de Deus a toda a humanidade por ele criada. Assim, o povo de Deus se concretiza por meio do aprendizado conjunto da fé, na alegria da festa “perante Javé” e pela ética da fraternidade. Idealizada dessa forma no Deuteronômio, o Povo faz parte da pré-história da Igreja do Novo Testamento.

O Antigo Testamento apresenta uma movimentada história desde os primórdios de Israel, antes de se estabelecer na Palestina, trazendo na multiplicidade de textos diferentes aquilo que lhe é peculiar: o agir de Deus na história que culmina com a revelação plena em Jesus Cristo, um Deus que se humaniza. À luz do Antigo Testamento se compreende Jesus como Messias, o Cristo. Deus se revela para Israel na história, até a vinda de Jesus Cristo e nele se revela plenamente. Daí vem sua importância para todos os cristãos.

Até hoje os mandamentos de Deus estão na boca e no sangue da maioria das pessoas socializadas dentro da cultura judaico-cristã. Embora as estruturas da vida toda e dos sistemas de pensar e avaliar o mundo hoje sejam diferentes, os papéis das pessoas individuais bem como as funções da sociedade mudaram, a Torá continua como a condutora da Palavra de Deus, ensinando e disciplinando o povo, pois se, para o povo de Israel, a Torá é doação divina, para o cristianismo a Torá tornou-se o Cristo vivo (Rm 10,4).

### 2.3 Paideia e Torá no Livro da Sabedoria

No alvorecer da era cristã (século I aC), um judeu-helenista de Alexandria, no Egito, foi capaz de unir as tradições da *Paideia* e da *Torá* no livro da Sabedoria. A fé e a cultura do povo judaico que residia no Egito estavam ameaçadas: por um lado, pelas filosofias, costumes e cultos religiosos gregos, e, por outro lado, pela hostilidade e até perseguições abertas pelos não judeus.

19. CRÜSEMANN, F. *A Torá*. Teologia e história social da lei do Antigo Testamento. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 14.

Nesse contexto, muitos judeus preferiam abandonar a fé e se conformar a uma sociedade idólatra e injusta. Enfrentando essa desafiante situação que evidenciava o renome das escolas filosóficas, o progresso das ciências e a grande atração das religiões de mistérios, o autor do livro da Sabedoria, consciente de sua fé e da história do seu povo, emprega todos os meios para reavivar a fé e a esperança de todos, ensinando a verdadeira sabedoria que conduz a uma vida justa e à felicidade. Tal sabedoria não se conquista pelo esforço e dedicação intelectual, mas é, em primeiro lugar, um dom de Deus que se obtém pela oração; logo, supõe abertura e acolhida à gratuidade de Deus. Este amor pela sabedoria se extravasa em desejo e impulsiona a pessoa para encontrá-la, mas a própria sabedoria se antecipa aos que a procuram, vindo ao seu encontro. Ela chega e abrange toda a dimensão pessoal e social. Para a realização do encontro, o ponto de partida é o desejo de aprender. O ponto de chegada ultrapassa qualquer previsão. No desejo de aprender e de se colocar na observância das leis da sabedoria, na prática do discernimento, o desejo conduz à prática da justiça e da liberdade.

A sabedoria que vem de Deus é fonte de virtudes e alcança todos os bens. Ela se identifica com a “justiça” entendida como plena sintonia da vontade e ação humanas com a vontade divina que visa à realização da vida para todos. A sabedoria, dom de Deus aos seus aliados, se opõe à idolatria e à injustiça (Sb 1,1-15). Ao que pratica a justiça (Sb 1,1) está assegurada a imortalidade (Sb 1,15). Ao tratar sobre o tema da “imortalidade”, conceito aparentemente grego, o autor de Sabedoria não o vê segundo o dualismo platônico que separa “alma e corpo”, “matéria e espírito”, mas permanece fiel à visão bíblica do valor salutar da existência e da prática material da justiça<sup>20</sup>.

Ao dirigir-se às autoridades (Sb 6,1-11), por exemplo, o autor faz uma pertinente advertência quanto à função dos governantes de tornar visível o exercício da justiça que, na visão bíblica, consiste em salvar os pobres e fracos da opressão dos ricos e poderosos. Grande, pois, é a responsabilidade dos que governam, pois deles depende a vida do povo. O julgamento divino será proporcional à repercussão social dos atos de cada pessoa. Portanto, longe de ser uma fuga dualista do mundo ou uma abnegação estoica, a busca da sabedoria e, por conseguinte, da realização humana e da felicidade, é um comprometer-se com a prática social da justiça, pois “o Senhor de todos não recua diante de ninguém, nem se impressiona com a grandeza, porque ele criou tanto o pequeno como o grande, e a sua providência é igual para todos” (Sb 6,7).

Deus é a fonte da sabedoria e somente ele pode conferi-la como *dom*, em respostas às buscas da pessoa<sup>21</sup>. A sabedoria produz todos os bens, como se fosse mãe de todos eles. Ela representa o esforço do ser humano em descobrir as leis escondidas que regem a natureza e a vida. E o que fazer com a sabedoria? Transmiti-la e reparti-la com todos, pois o dom de Deus é para todos:

Sem maldade, aprendi a sabedoria, e agora sem inveja a distribuo. Não vou esconder sua riqueza, porque ela é um tesouro inesgotável para os homens. Aque-

20. KONINGS, J. *A Bíblia nas suas origens e hoje*. Petrópolis: Vozes, 1998, p. 123.

21. STORNILOLO, I. *Como ler o Livro da Sabedoria*. A sabedoria de Israel é o senso da justiça. São Paulo: Paulus, 1993, p. 37.

les que a adquirem, atraem a amizade de Deus, porque são recomendados pelo *dom* da instrução dela (Sb 7,13-14).

A sabedoria produz uma relação mútua entre Deus e o homem que resulta em liberdade e vida para todos. Na origem da sabedoria humana está o reflexo da sabedoria de Deus. Uma sabedoria que vem desde a criação e é usada para ajudar o povo a discernir os sinais de Deus na vida e na história. Ela é como uma seta que coloca o outro no rumo da descoberta. Seu método consiste em fazer descobrir. Assim, o sábio ajuda o discípulo a ter a mesma experiência que ele teve.

A sabedoria traz consigo o desejo autêntico de instrução, e a sua preocupação é o amor. Nesse sentido, a busca da sabedoria é a busca de aprender e de amar a justiça<sup>22</sup>. Os Evangelhos, principalmente o de Mateus, nos ajudam muito nesta reflexão: “Em primeiro lugar busquem o Reino de Deus e a sua justiça, e Deus dará a vocês, em acréscimo, todas essas coisas” (Mt 6,33). Jesus vem ajudar a entender o Reino. Para ele, o Reino de Deus não é um território, mas o reinado de Deus; onde se faz a vontade de Deus está o Reino de Deus<sup>23</sup>. Mas este Reino não se constrói sobre os valores do mundo: riqueza, violência, poder, *status*, mas na pobreza, no serviço, na fraternidade e na justiça.

### 3. A arte de bem-viver na experiência bíblica

A crise existencial compreendida pelo advento da modernidade e/ou da pós-modernidade demanda a exigência, sempre atual, do retorno às fontes bíblicas e do aprofundamento da fé cristã em vista de uma nova concepção do mundo, do ser humano e de seu processo de humanização. É na profundidade da mente humana que começa o processo de religação do ser humano consigo mesmo, com o universo inteiro, com o Criador. Dessa transformação decorre tríplice exigência: um novo olhar sobre a natureza, uma nova ética, uma nova espiritualidade.

Para os cristãos, a Sagrada Escritura não é apenas a fonte da revelação, o fundamento da fé, mas também o imprescindível ponto de referência para agir retamente e para atingir a vida plena<sup>24</sup>. No entanto, a sociedade hodierna questiona, e até mesmo recusa: normas, obrigações e mandamentos. Para alguns, a liberdade humana não deve ser cerceada, pois isso comprometeria a verdadeira felicidade. Para outros, a Bíblia, um livro tão antigo, não pode servir para indicar soluções para os inúmeros problemas de hoje. Apesar dessas e de outras objeções<sup>25</sup>, somos convictas de que a Palavra de Deus é fonte inspiradora de atitudes e comportamentos que contribuem para a realização da pessoa humana e, de fato, ajudam na arte de bem-viver.

22. STORNILO, I. *Como ler o Livro da Sabedoria*. A sabedoria de Israel é o sentido da Justiça. São Paulo: Paulus, 1992, p. 30.

23. BROSHUIS, I. *Sinal do reino*. Temas fundamentais para uma catequese renovada. Petrópolis: Vozes, 1990.

24. Cf. PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA. *Bíblia e Moral*: raízes bíblicas do agir cristão. São Paulo: Paulinas, 2009, p. 5.

25. Cf. PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA. *Bíblia e Moral*, p. 5-7.

Ser cristão é ser discípulo de Jesus Cristo. Mas, para sê-lo de verdade, necessário se faz conhecer bem quem é Jesus Cristo e qual é o seu caminho. “Para conhecer a Jesus Cristo, reporta-se ao Novo Testamento sabendo que os Evangelhos constituem o principal testemunho sobre a sua vida e sua missão. Mas, também, reporta-se ao Antigo Testamento se deseja conhecer a particularidade de Jesus Cristo, pois as Sagradas Escrituras eram a Bíblia de Jesus e de seus discípulos (DV 25)”<sup>26</sup>. Além disso, por saber que Jesus Cristo é o centro de toda a Bíblia: o Antigo Testamento converge para o Novo e o Novo Testamento parte do Antigo. Assim, no caminhar do povo, na história, a Torá, enquanto configuração concreta da salvação, sobretudo enquanto projeto da dimensão social da salvação, continua sendo o coração da “Nova Aliança”. “Monte Sinai” e “Pentecostes” passam a ser o marco da formação de consciência do Povo de Deus.

Na Bíblia, o cristão encontra a orientação para o seu agir, pautando-se no seguimento de Jesus. O Cristo suscita um fascínio nos seus interlocutores, que desemboca na adesão, no seguimento a ele, desencadeando motivações, atitudes, convicções e plasmando um novo comportamento, fazendo nascer uma “criatura nova”. A experiência do fascínio por Cristo, fortalecida por Deus que “nos marcou com um selo e colocou em nossos corações o penhor do Espírito” (2Cor 1,22), faz com que a existência cristã decida-se por uma ética de responsabilidade. Em outras palavras, a configuração com Cristo leva o cristão a dar uma resposta hábil, criativa que o torna cada vez mais humano e capaz de bem-viver com os outros no mundo.

### 3.1 Shemá, Israel: a escuta e o amor (Dt 6,4-9)

Os judeus sempre deram grande importância à escuta. Escutavam e recontavam suas histórias. Ouviam os conselhos dos anciãos: “O que nossos pais nos contaram” (Sl 78,3) e os transformavam em normas de vida. Escutar a Palavra de Deus e obedecê-la constitui o centro da fé judaica: “Escuta, Israel! O Senhor nosso Deus é o único Senhor. Amarás o Senhor teu Deus com todo o teu coração, com toda a tua alma e com todas as tuas forças” (Dt 6,4-5). O *Shemá* é a mais importante oração cotidiana do judaísmo; a primeira que a mãe ensina a seu filho; a última que um judeu pronuncia antes da morte.

O *Shemá* apresenta a declaração máxima do monoteísmo bíblico: “O Senhor nosso Deus é o único Senhor”. Não existe outro Deus que liberta e dá vida ao povo, que sustenta e promove a vida. Seu amor exclusivo e apaixonado pede uma resposta pessoal que integre a totalidade da pessoa: o coração, a alma, a força.

A integridade no amor: Amar exige integridade, a totalidade da pessoa comprometida com essa resposta de amor. O amor a Deus é uma resposta dialógica a um Deus que nos ama primeiro (Dt 7,6-8), por pura gratuidade. Para os antigos, o coração (do hebraico *léb*) é a sede da consciência, do conhecimento e dos projetos<sup>27</sup>. Amar a Deus de todo o coração é integrar sentimentos e razão. Eis o convite do *Shemá* para nossa sociedade tão

26. ARENS, E. *A Bíblia sem mitos*. Uma introdução crítica. São Paulo: Paulus, 2004, p. 24.

27. STORNIOLO, I. *Como ler o Livro do Deuteronômio*: escolher a vida ou a morte. São Paulo: Paulus, 1992, p. 58.

fragmentada. A alma (*nefesh*) é o ser profundo da pessoa, o princípio vital que a anima e confere dignidade. Alma é vida, espiritualidade, vontade. O termo força (*me'ód*) não significa vigor, mas o conjunto de aptidões e capacidades de uma pessoa. Em suma, pede-se que a pessoa inteira, em tudo o que é e faz, viva sua fé concretizada no amor a Deus. Toda a vida deve ser consagrada à fidelidade a Deus. E ainda, o amor deve ser guardado no coração (Dt 6,6) para ser contemplado e expandir-se e concretizar-se.

Educar para o amor: Depois de pedir a integridade no amor a Deus, o *Shemá* propõe a educação dos filhos, a quem deve ser inculcado a vivência do amor (Dt 6,7-9): “Tu as repetirás com insistência a teus filhos e delas falarás quando estiveres sentado em casa ou andando a caminho, quando te deitares ou te levantares. Tu as prenderás como sinal à tua mão e as colocarás como faixa entre os olhos; tu as escreverás nas entradas da tua casa e nos porões da tua cidade”. Dessa forma, o amor deve atingir todas as dimensões da vida humana:

[...] a vida familiar (sentado em casa), a vida social (andando no caminho), o repouso (deitado) e a atividade (de pé). Mais ainda, o amor deve penetrar todas as ações (mãos) e intenções (olhos), tanto na vida particular da família (batentes da casa), como nos vários setores e situações da vida em sociedade (portas da cidade)<sup>28</sup>.

O *Shemá* dá dicas profundas na arte de bem-viver ao mostrar que o amor deve orientar todas as relações: consigo, com os outros, com a natureza, com Deus. A teologia do Deuteronômio, condensada nestes versículos, aponta para uma espiritualidade atual que exige a escolha decidida e, muitas vezes, difícil: “Vê que eu hoje te proponho a vida e a felicidade, a morte e a desgraça” (Dt 30,15). Mas a fé e o amor transformam este risco em alegria e paz.

### 3.2 O amor: centro da vida humana (Mc 12,28-34)

O Evangelho de Marcos nasce do meio do povo e traz como objetivo central mostrar o que é ser discípulo e discípula de Jesus de Nazaré. Desde o início da caminhada, da Galileia até Jerusalém, Jesus vai convidando pessoas para o discipulado. No caminho ele vai deixando claro quais são as principais atitudes dos seus seguidores. Mas foi somente a partir da fé na presença do Jesus ressuscitado que acontece a clareza quanto às exigências do seguimento: a exigência de viver o amor junto aos irmãos. Os autores do Evangelho de Marcos nos convidam a levar adiante o anúncio e a vivência do Reino de Deus a fim de promover a vida e a dignidade. Recomeçar a partir das origens, retomar as fontes, ver Jesus presente na sua comunidade, ver o Ressuscitado formando discípulos. Isto acontecia na Galileia e acontece nas pequenas Galileias de hoje.

No tempo de Jesus, o cotidiano do povo judeu era influenciado pela Lei. A Torá, constituída nos cinco livros – o Pentateuco: Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio. Mas surgiu, também, na história do povo judeu a Torá oral da qual Jesus par-

28. STORNILO, I. *Como ler o Livro do Deuteronômio*, p. 59.

ticipou de forma significativa. Essa oralidade ajudava a atualizar a Lei para a vivência dos conflitos daquela época. Conflitos com o sistema judaico, insuportável pelas inúmeras leis e normas que estragavam o bem superior, que é a vida. Assim, Jesus destaca, de dentro da Lei de Israel, o primeiro mandamento.

Partindo da narrativa, em Mc 12,28-34, Jesus está chegando a Jerusalém e dele se aproxima um escriba, que lhe pergunta: “Qual é o primeiro mandamento de todos”? O fato de ser um escriba significa ser alguém conhecedor da história do seu povo, capacitado para ler e escrever, às vezes em diversas línguas. São pessoas que ensinam, assim como Jesus, mas apresentam ensinamentos que levam a discussões com os discípulos de Jesus. Dizem que Jesus, ao perdoar os pecados de um paralisado, blasfema, pois somente Deus perdoa (Mc 2,6-7). Afirmam que Jesus não poderia comer com os pecadores e cobradores de impostos (Mc 2,16), e tantas outras críticas. Mas Jesus também questiona os ensinamentos dos escribas, principalmente os acusa de abandonarem o mandamento de Deus (Mc 7,6-13) e alerta as pessoas sobre o mau comportamento dos escribas e de suas práticas.

No diálogo do escriba com Jesus, as respostas de Jesus revelam uma sabedoria que o coloca como alguém que tem maior familiaridade com as Sagradas Escrituras de Israel. Trata-se de um ensino profético, demonstra um cuidado com o povo sofrido, ensina a verdade. E ao responder ao escriba deixa claro qual o mandamento que ensina a seguir. Jesus apresenta como primeiro mandamento as palavras de Dt 6,4-5. Primeiramente, em Dt 6,4: “Escuta, ó Israel, o Senhor nosso Deus é o único Senhor”. O conteúdo desse mandamento para Jesus é uma profissão de fé, um reconhecimento de um Deus único, um amor proclamado dentro de uma relação de amor que exige exclusividade. Para Israel não existem outros deuses. Jesus está ensinando que o amor a Deus só gera compromisso e obediência se este amor for fruto de uma relação amorosa entre o Povo e Deus. Um amor comunitário.

Em Dt 6,5: “Amarás o Senhor, teu Deus, com todo o seu coração, com toda a tua alma e com toda a tua força”, Jesus acrescenta “amar com todo o teu entendimento”, chamando atenção para a racionalidade do amor a Deus, o uso positivo das forças racionais do coração. Um amor que envolve todas as dimensões da pessoa<sup>29</sup>. E continua: “Amarás teu próximo como a ti mesmo”. Não existe outro mandamento maior do que estes.

Jesus, ao fazer referência ao segundo mandamento, está recordando outra lei da Torá, uma formulação jurídica presente em Lv 19,18: “Não te vingará e nem guardarás ódio contra os filhos de teu povo, e amarás ao teu próximo como a ti mesmo – Eu sou o Senhor”. Uma exigência para o bem-viver com todos os que convivem na mesma terra, a exemplo do amor de Javé. “Tudo o que Javé te fez desde a saída do Egito, faz também aos outros, principalmente aos mais necessitados, e até mesmo aos inimigos”.

Esta linguagem utilizada na segunda pessoa do singular ou do plural significa que as pessoas estão sendo advertidas para o cuidado desses preceitos. É uma lingua-

29. GRENZER, M. *Primeiro e segundo mandamentos*. São Paulo: Paulinas, 2008, p. 29.

gem de ensino, de aprendizagem social, primeiro nas famílias, depois nas comunidades eclesiais de Israel vencido e disperso. A Torá ensina aqui a amar o próximo em todos os aspectos como desejamos a nós mesmos, sem reservas. Trata-se de um comportamento que hoje talvez possa ser traduzido por “mostrar solidariedade”. Ser solidário com o irmão.

Jesus torna claro, com seus ensinamentos, o significado do amar ao próximo. “Amar ao próximo fazendo das próprias necessidades a medida para ajudar ao outro”. O que Jesus queria o tempo todo era ajudar as pessoas a dar um sentido à própria vida, pois quanto mais sentido dá-se à vida, mais se realiza como pessoa. O mandamento do amor – amor a Deus, ao próximo e a nós mesmos – constitui um dos pilares sobre o qual repousa a fé anunciada por Jesus Cristo. Viver este amor é fazer de Jesus Cristo o sentido da própria vida.

### 3.3 Ágape: a excelência do amor (1Cor 12,31–14,1)

Corinto pode ser comparada a um espelho pelo qual se vê a realidade das grandes cidades do mundo greco-romano. Era uma cidade grande, com múltiplas culturas, línguas, instituições e estruturas. Cidade portuária, onde corria muito dinheiro, era transitada por pessoas de todas as partes. Sua população – mais de quatrocentas mil pessoas – era composta de pessoas escravas e libertas. De uma parte, percebe-se a hospitalidade aos estrangeiros, os banquetes, os bordéis, a prostituição; de outra parte, práticas ascéticas e certo moralismo conservador<sup>30</sup>.

Neste ambiente, em que também os judeus com seus rígidos costumes e tradições exerciam certa atração moral sobre as pessoas, a comunidade cristã torna-se uma grande novidade. A ela é apresentada uma possibilidade de resposta aos inúmeros desafios colocados à vida pessoal e familiar, à ética e à realidade social dos coríntios.

Paulo, em sua primeira carta aos cristãos de Corinto, indica um caminho capaz de restaurar o sentido da existência e de reordenar o mundo pessoal e social, trazendo-lhe nova vida, novos horizontes. Trata-se do caminho “incomparavelmente superior” a todos os dons (1Cor 12,31) que contribui para a construção e crescimento da comunidade cristã: a *excelência do amor* (1Cor 12,31–14,1).

Paulo convida os cristãos a desejarem a excelência do amor ao próximo. A *aretê* (excelência grega) não é mais a heroicidade do guerreiro, nem o ideal de uma virtude conquistada por penosa disciplina – *hebrosyne* – ou ainda a valorização da justa medida – *sophrosyne* – indicadas pela *paideia*, mas o amor ao outro, a descentralização de si mesmo é o alvo a ser atingido.

O amor – *ágape* – ultrapassa todos os dons, por isso deve ser buscado por todos os membros da comunidade e deve determinar toda a conduta dentro e fora da *ekklesia*

30. PEIXOTO, Western Clay. O desafio da megalópole aos primeiros cristãos. A comunidade de Corinto. In: CUNHA, R.I.A. *Desafio da cidade grande aos cristãos*. Carta aos coríntios lida por cristãos do século XXI. CEBI-MG: Contexto, 2008, p. 28-30.

(1Cor 16,14)<sup>31</sup>, isto é, a “assembleia” das pessoas que acolheram a mensagem cristã e foi se organizando a partir de verdades fundamentais advindas da pregação apostólica. O amor – *ágape* – referido em 1Cor 13 não se restringe ao ato básico dos crentes. É um amor que tem sua fonte em “Deus que nos amou primeiro” (1Jo 4,19) e, por sua vez, torna-se fonte e inspiração para qualquer comportamento verdadeiramente humano. Alguns predicados atribuídos ao amor – *ágape* – são predicados genuínos de Deus (1Cor 13,4ab.5d.6):

Se Paulo diz que o amor é “paciente” (v. 4a) e bondoso (v. 4b) e “não pensa no mal” (v. 5d), ele lhe dá qualidades que na tradição da linguagem bíblica se atribuem primordialmente a Deus e designam sua ajuda aos pobres, sua paciência com Israel pecadora e sua prontidão para o perdão dos pecados. Quando se diz do amor que ele não se regozija com a injustiça, mas se alegra com a verdade (v. 6), está no pano de fundo que *Deus* odeia toda injustiça e faz irromper a verdade. E se o apóstolo diz que o *ágape* “jamais decai” (v. 8a), mas “permanece”, isso só se explica com base na concepção veterotestamentária de eternidade e da fidelidade incessante de Deus<sup>32</sup>.

*Ágape* é, também, amor do Filho que ama o Pai como é amado por Ele (Ef 1,6; Cl 1,13) e que entregou sua vida pela humanidade (2Cor 5,14-15). Essa entrega de vida de Jesus Cristo transparece nas seguintes afirmações: “não procura seu próprio interesse” (v. 5b) e “tudo suporta” (v. 7). *Ágape* é ainda amor do Espírito Santo, na medida em que no amor ao próximo opera o amor de Deus, “derramado em nosso coração pelo Espírito Santo que nos foi dado” (Rm 5,5).

Este amor que se inspira no amor trinitário de Deus dá o genuíno sentido à vida ética (Fl 1,9-10) e um conhecimento e discernimento do que mais convém, “do que é importante” (Rm 2,18) na relação consigo mesmo e com os outros na comunidade e na vida social. Nesse sentido Paulo salienta, em 1Cor 13,4-7, a capacidade da *ágape* de superar todo tipo de mal e de engajar-se na realização do bem.

#### 3.4 Kénosis: a liberdade cristã na arte de bem-viver (Fl 2,1-11)

O conteúdo da carta aos filipenses e a experiência de Paulo em Filipos têm muito a dizer às nossas comunidades. Na carta transparece a importância da manifestação de sentimentos no trabalho evangelizador, sentimentos de ternura e carinho para com as pessoas.

“Ser discípulo e discípula de Jesus significa saber estar com Jesus, assimilando seus sentimentos e opções. Andar com ele, aprender com seu jeito de agir e de se relacionar com as pessoas”<sup>33</sup>. Os que conheceram Jesus sempre contavam que Jesus anda-

31. Cf. SÖDING, Thomas. *A Triade Fé, Esperança e Amor em Paulo*. São Paulo: Loyola, 2003, p. 110.

32. SÖDING, Thomas. *A Triade Fé, Esperança e Amor em Paulo*, p. 111.

33. MOSCONI, L. *Evangelho de Jesus Cristo segundo Marcos*. Para cristãos e cristãs rumo ao novo milênio. São Paulo: Loyola, 1997, p. 79.

va, e muito, por toda a região da Galileia. Seguir Jesus é para nós um desafio, mas também uma alegria. Já dizia o apóstolo Paulo: “Tende em vós os mesmos sentimentos de Cristo Jesus” (Fl 2,5).

O Hino apresentado na Carta aos Filipenses (2,6-11), Paulo o utiliza porque vê nele o sentido do Evangelho que anuncia. Em um primeiro movimento, de cima para baixo, mostra o esvaziamento de Jesus (2,6-8). Em 2,7 o verbo esvaziar-se que carrega o significado de sua origem *Kenóo* = esvazio, anulo<sup>34</sup>, “privar-se de poder” ou “abdicar do que possui”, caracteriza toda a vida de Jesus, o Filho de Deus como alguém que, deixando de lado a sua condição divina, assumiu as limitações dos seres humanos na esfera da criação e, indo até as últimas consequências, se colocou à mercê do egoísmo e violência humana, que o levaram à morte terrível na cruz. Ele, que não se apegou à igualdade com Deus, mas esvaziou-se, se fez servo, semelhante aos homens, humilhou-se, fez-se obediente até a morte de cruz.

De forma consciente e livre, Jesus despoja-se de tudo. Para ele não há outra forma de revelar o projeto de Deus a não ser despojo-se de realidades humanas das quais dificilmente abrimos mão: *status*, fama, poder, promoção pessoal. Estas coisas nos impedem de viver bem a liberdade que Deus nos deu. Ficamos presos a tantas ofertas que nos impossibilitam realizar escolhas. A vinda de Deus à imanência humana na pele do homem Jesus de Nazaré, o que Paulo chama de *Kénosis* divina, ou seja, este rebaixamento de Deus à condição do homem, não seria a vontade divina de identificar-se com os homens e de participar de suas necessidades, agruras e sofrimentos? Não seria um convite para que nós também pudéssemos encarnar estas realidades? Resgatar a liberdade para os oprimidos? Este modelo nos chama à principal verdade que é a de abandonar um estilo de vida egocêntrico para adotar um estilo de vida altruísta, ou seja, uma vida que nos leva a preocupar-nos com o outro. Este é o sentido da vida em Cristo, doar-se em serviço aos irmãos. Esse estilo de vida foi experimentado pelas primeiras comunidades. Os primeiros cristãos absorveram tanto este estilo, que chegaram a vender bens materiais e distribuir o arrecadado para os que tinham necessidade (At 2,45).

Um segundo movimento, que acontece de baixo para cima, mostra o agir de Deus (Fl 2,9-11). É ele quem resgata Jesus, o exalta, dá-lhe um nome para que ao nome de Jesus se dobre todo o joelho dos que estão nos céus, e na terra, e toda língua confesse que Jesus Cristo é Senhor, para a glória de Deus, o Pai.

Nestes dois movimentos, o agir de Deus nos oferece o modelo de como realizar o anúncio de forma eficaz. Quando nos desgarramos dos privilégios que nos rodeiam, conseguimos amar a Deus com todo o coração, com toda a alma, com todo o entendimento e com toda a força (Mc 12,30). “A encarnação nas realidades humanas é a condição primeira e indispensável para que o anúncio aconteça”<sup>35</sup>. Paulo tinha como refe-

34. *Kenóo*. In: TAYLOR, William Carey. *Dicionário do Novo Testamento Grego*. Vocabulário Grego-Português. São Paulo: Editora Batista Regular, 2000, p. 117.

35. BORTOLINI, J. *A Carta aos Filipenses*. O Evangelho encarnado. São Paulo: Paulus, 4. ed. 2006.

rência o Jesus encarnado, e assim ele o é para todos aqueles que se comprometem com o anúncio do Evangelho.

### **Conclusão**

A Bíblia é a história de um povo em busca de Deus. Ao vivenciar a relação de aliança com Deus, o povo de Israel descobre-se receptor de um amor gratuito, generoso e libertador de um Deus presente, próximo, amigo e se interroga, naturalmente, pelas questões mais profundas da existência, questões presentes em todas as épocas da humanidade: “Quem somos? De onde viemos? Para onde vamos?” e demarcam o sentido do existir, ao concretizar sua história.

A liberdade advinda do êxodo ou da experiência da libertação é garantida pela obediência à Lei – Torá – como orientação, ensinamento, instrução para bem viver e ser feliz. Deus sempre vem ao encontro das aspirações da pessoa, em sua busca de felicidade, e, ao acolher Deus, a pessoa se realiza, encontra o sentido da própria existência, pois Deus é amor e o amor é o centro da vida humana. A Torá, proposta como caminho de vida e fonte de verdadeira sabedoria e felicidade, é abraçada pelo homem bíblico como resposta de amor a Deus que o ama primeiro (1Jo 4,19).

De igual modo, as primeiras comunidades cristãs bebem na fonte inesgotável da Palavra de Deus a água cristalina que sacia suas buscas mais verdadeiras de felicidade e paz, de alento e força, ainda que no mundo hostil do Império Romano. A experiência do Ressuscitado, o encontro com sua história real, fez dos primeiros cristãos, pessoas que souberam traduzir, sobretudo para a cultura grega que acolheu a boa-nova, a grande novidade cristã: Deus encarnado! Todos os fatos e mensagens da história da revelação e da salvação estão ligados ao evento, pessoa mensagem e prática de Jesus: o centro da Revelação e da Bíblia.

Aprender a arte de bem-viver com a Bíblia implica em aprender de Jesus, e com Jesus, o amor íntegro e incondicional a Deus e o amor ao próximo como a si mesmo. Jesus não revela uma “doutrina” sobre Deus, mas um modo de ser pessoa original em uma relação constitutiva com Deus como Pai, que torna a sua vida radicalmente filial e fraterna. A vida humana de Jesus possui uma densidade inaudita. Nele, o humano se torna imagem do próprio Deus.

A fé cristã nos afirma que só conhecemos Deus “humanizado”. O Verbo se encarnou, assumiu a nossa história, a nossa fragilidade! Doravante, se o homem quiser encontrar-se com Deus não precisa “subir a montanha”, mas deve “descer” às profundezas das limitações humanas. Deus está acessível. Está perto. Está na fraqueza, onde o mundo não espera encontrá-lo.

A história continua sendo o lugar do amor revelador e salvífico de Deus. O acontecimento Jesus é a exteriorização de Deus, mas Jesus teve de criar seu próprio caminho, construindo-o passo a passo, a partir de suas buscas, leituras, reflexões das Escrituras e confrontos com a realidade. Também nós somos interpelados a refazer na própria vida o mesmo processo de Jesus, confrontando os acontecimentos, as provoca-

ções da realidade, assimilando valores, assumindo novas atitudes no seguimento de Jesus. Segui-lo, pois, significa vivenciar um processo de humanização, refazendo uma relação filial e terna com Deus Pai, fraterna e amorosa com os irmãos, tornar próprias as opções de Jesus. Mas refazer o processo de Jesus só é possível na abertura ao Espírito que conduz nossa história com suas contradições e sustenta a fidelidade em nossa fragilidade humana.

### **Bibliografia**

- ARENS, E. *A Bíblia sem mitos*. Uma introdução crítica. São Paulo: Paulus, 2004.
- BOFF, L. *Dignitas Terrae*. Ecologia: grito da Terra, grito dos Pobres. São Paulo: Ática, 1995.
- BORTOLINI, J. *A Carta aos Filipenses*. O Evangelho encarnado. São Paulo: Paulus, 4. ed. 2006.
- BROSHUIS, I. *Sinal do reino*. Temas fundamentais para uma catequese renovada. Petrópolis: Vozes, 1990.
- CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. *Documento de Aparecida: Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2007.
- CRUSEMANN, F. *A Torá*. Teologia e história social da lei do Antigo Testamento. Petrópolis: Vozes, 2002.
- FERREIRA, J.R. Educação em Esparta e Atenas: dois métodos e dois paradigmas. In: LEÃO, D.F. et al. *Cidadania e Paideia na Grécia Antiga*. São Paulo: Annablume Clássica; Coimbra: CECH, 2011.
- FIALHO, M.C. Mito, Memória e Crise. In: LEÃO, D.F. et al. *Cidadania e Paideia na Grécia Antiga*. São Paulo: Annablume Clássica; Coimbra: CECH, 2011.
- GRENZER, M. *Primeiro e segundo mandamentos*. São Paulo: Paulinas, 2008.
- GUTIÉRREZ, G. Dónde dormirán los pobres? In: MÜLLER, G.L.; GUTIÉRREZ, G. *Del lado de los Pobres: Teología de la liberación*. Lima: Serral S.R.L. 2005.
- Kenóo*. In: TAYLOR, William Carey. *Dicionário do Novo Testamento Grego*. Vocabulário Grego-Português. São Paulo: Editora Batista Regular, 2000.
- KONINGS, J. *A Bíblia nas suas origens e hoje*. Petrópolis: Vozes, 1998.
- KROH, W. Bases e Perspectivas de uma Ética ecológica: o problema da responsabilidade pelo futuro como um desafio à teologia. *Concilium*, Petrópolis: Vozes, n. 4, 1991.
- LIBÂNIO, J.B. *Olhando para o futuro: prospectivas teológicas e pastorais do Cristianismo na América Latina*. São Paulo: Loyola, 2003.
- LÓPEZ, R.G. A cultura latino-americana em processo de transformação. In: CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. *América Latina: sociedades em mudança*. Informe sucinto sobre o cenário cultural, social, econômico e político na América Latina. Observatório. São Paulo: Paulus, 2005.

MOSCONI, L. *Evangelho de Jesus Cristo segundo Marcos*. Para cristãos e cristãs rumo ao novo milênio. São Paulo: Loyola, 1997.

PALÁCIO, C. O Cristianismo na América Latina discernir o presente para preparar o futuro. *Perspectiva Teológica*, v. 36, n. 99, maio/ago. 2004.

PEIXOTO, W.C. O desafio da megalópole aos primeiros cristãos. A comunidade de Corinto. In: CUNHA, R.I.A. *Desafio da cidade grande aos cristãos*. Carta aos coríntios lida por cristãos do século XXI. CEBI-MG: Contexto, 2008.

PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA. *Bíblia e Moral: raízes bíblicas do agir cristão*. São Paulo: Paulinas, 2009.

SÖDING, T. *A Tríade Fé, Esperança e Amor em Paulo*. São Paulo: Loyola, 2003.

STORNIOLO, I. *Como ler o Livro da Sabedoria*. A sabedoria de Israel é o senso da justiça. São Paulo: Paulus, 1993.

STORNIOLO, I. *Como ler o Livro do Deuteronômio: escolher a vida ou a morte*. São Paulo: Paulus, 1992.

SUNG, J.M. *Sementes de Esperança: a fé em um mundo em crise*. Petrópolis: Vozes, 2005.

VILLAMÁN, M. América Latina: injustiça, exclusão social e democracia. In: SOTER; AMERÍNDIA (org.) *Caminhos da Igreja na América Latina e no Caribe: novos desafios*. São Paulo: Paulinas, 2006.

*Neuza Silveira de Souza*  
e-mail: souza.z@terra.com.br

*Maria de Lourdes Augusta, PIDP*  
e-mail: lourdesaugusta@ig.com.br